

## **Comunidades Eclesiais de Base: Mito e Realidade**

### **Impressões sobre o 8º Encontro Intereclesial de CEBs**

**Danilo R. Streck**

Nos meios de comunicação o encontro de comunidades eclesiais de base (CEBs) realizado em Santa Maria/RS, de 8 a 12 de setembro deste ano, passou praticamente despercebido. Que relevância poderia ter a discussão de 2.300 representantes de comunidades eclesiais, geralmente gente simples, numa terra onde se está acostumado a esperar a resposta da autoridade? A atenção naturalmente tende a se voltar mais para um encontro de bispos em Itaici ou, neste momento, para a conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em Santo Domingo.

No entanto, para a Igreja e para a teologia latino-americana Santa Maria será novamente um marco importante. Sinal disso são as primeiras reações que se ouvem nos meios eclesiais e teológicos. Além disso, o Encontro possivelmente está nutrindo com esperança uma infinidade de movimentos populares, às vezes iniciativas muito pequenas, mas que começam a fazer uma diferença no quadro político.

Em Santa Maria ficou evidente que a Igreja está literalmente confrontada com a necessidade de se reinventar num contexto em que a diversidade está sendo cada vez mais assumida como uma manifestação da própria graça de Deus. Isso não é coisa nova. O problema é há muito tempo sentido na tensão entre, por um lado, fixar mais claramente os limites confessionais e, por outro, romper com as formas tradicionais de religiosidade. Um refrão cantado muitas vezes durante o Encontro expressa um pouco esta ânsia de rompimento com a religiosidade convencional e a busca de formas e conteúdos novos:

Muito tempo não dura a verdade/nestas margens estreitas demais.  
Deus criou o infinito/para a vida ser sempre mais. (...)  
Comungar é tornar-se um perigo,/viemos para incomodar.<sup>1</sup>

A comunhão havida nos cinco dias de Santa Maria não deixou de ser também um incômodo. Vou tentar repartir algumas impressões do que foram a festa, a reflexão e o compromisso, mas também do que foram os incômodos que o 8º Intereclesial trouxe. As reflexões, escritas ainda sob o impacto do Encontro, talvez contenham, para os mais experientes e para os que convivem mais intensamente com as CEBs, uma boa dose de ingenuidade. Espero que esta possa ser corrigida e superada na medida em que mais

peçoas forem compartilhando a sua visão. Para aqueles e aquelas que não estiveram lá, gostaria de poder transmitir um pouco do espírito vivido em Santa Maria.

Várias vezes se falou do encontro como um novo Pentecostes. Entendo nessa expressão a vontade e a esperança de perceber o surgimento ou a confirmação de uma nova maneira de ser Igreja. Em que se manifesta esta novidade? O que a temática da cultura ou das culturas oprimidas acrescenta à discussão teológica e à prática das comunidades? Quais foram alguns momentos marcantes neste Encontro e o que eles representam para a Igreja? O que o mundo evangélico, em especial luterano, pode aprender do Encontro de Santa Maria? Estas são algumas das perguntas que me orientarão nesta reflexão.

### Um Novo Jeito de Ser Igreja

Na literatura teológica da América Latina as CEBs são um ponto de referência obrigatório. É do círculo delas, por exemplo, que surgiu o conceito “eclesiogênese” — “termo técnico de reflexão que se elabora em cima das práticas da Igreja que eclode da fé do povo pobre e cristão” — e que entrementes é uma categoria teológica usada mundialmente<sup>2</sup>. Nelas começou a se configurar a proposta de prática e organização eclesial que passou a ser assumida como algo próprio da América Latina, em contraposição ao transplante não apenas de idéias, mas também de estruturas.

Surgidas muitas vezes na quase clandestinidade, como um dos poucos espaços de articulação política em torno de problemas concretos como pão, moradia, água, etc., as CEBs aos poucos conquistaram um importante espaço na vida social e religiosa<sup>3</sup>. O Documento de Puebla reconhece esta importância ao afirmar que “as CEBs são expressão do amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se exprime, se valoriza e se purifica a religiosidade deste povo, dando-lhe possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo.”<sup>4</sup> Encontramos ainda no mesmo Documento o compromisso do episcopado no sentido de “promover, orientar e acompanhar as CEBs”<sup>5</sup>.

Pela sua proposta inovadora, as CEBs em muitos casos passaram a ser vistas como uma panacéia para as crises da Igreja. Através delas viria a ser constituída a nova Igreja, elas eram o novo jeito de ser Igreja e o novo jeito de a Igreja ser. A salvação da própria Igreja passaria pelas CEBs. “Esperamos”, diz frei Betto, “que cada vez mais este modelo de pastoral se torne o modelo da própria Igreja nesta sociedade sectarizada, nesta sociedade onde a vida comunitária é o único elo possível de sustentação da fé e da militância dos cristãos.”<sup>6</sup>

Uma posição diametralmente contrária vê as CEBs como uma invenção de intelectuais e teólogos. Diz Ivone Gebara que “as CEBs, pelo me-

nos como foram definidas uns anos atrás, são muito mais coisa da imaginação de sonhadores, de intelectuais de Igreja, do que realidade concreta”<sup>77</sup>. Conforme esta teóloga, as CEBs não nascem da base, mas da proposta de agentes, de intelectuais e do próprio episcopado. Além disso, salvo raras exceções, elas não teriam de fato apresentado um projeto alternativo de Igreja ou de sociedade.

Ainda uma terceira perspectiva procura ver nas CEBs não a alternativa como Igreja, mas uma forma possível de refazer ou reinventar a Igreja na América Latina. Exemplifico com palavras de Luiz Alberto, um dos assessores deste Intereclesial: “Eu prefiro dizer que se trata de ‘um jeito de ser Igreja’. Um dos muitos jeitos. Não temos fórmulas prontas. É preciso termos a humildade e a simplicidade de dizer que estamos experimentando. As CEBs têm muito futuro e profecia, mas não têm a pretensão de ser o único jeito.”<sup>78</sup>

Esta última perspectiva corresponde melhor ao que percebi das CEBs em Santa Maria. Inclusive é uma visão mais próxima da humildade com que a maioria dos representantes de CEBs concebem seu trabalho e o próprio Encontro Intereclesial. Expressões como “concílio dos pobres” escondem em sua grandiloquência as reais dificuldades que as próprias CEBs encontram para poder ser Igreja. A impressão que se obtém das CEBs é de uma grande diversidade de grupos em termos de solidez do trabalho, de autonomia em relação à hierarquia e da autocompreensão como comunidades de base.

Num sentido, as CEBs são de fato um mito ou uma ficção. Talvez você até tenha dificuldade em localizá-las em sua cidade ou região. Você também poderá decepcionar-se se espera encontrar uma estrutura autônoma, com pessoas plenamente conscientes em relação à sociedade e à própria Igreja. Estas CEBs de fato parecem mais próximas dos sonhos dos intelectuais.

Não obstante, elas também são uma realidade. Há, nas dezenas de milhares de grupos, gente que aposta em trabalhos pequenos, aparentemente insignificantes, mas em cuja fraqueza estão importantes sementes de mudança na sociedade e na Igreja. Há grupos que se reúnem não raro sem apoio de seus pastores para ler a Bíblia, orar e ajudar-se mutuamente. Há pessoas para as quais o seu ser de “base” significa um claro manifesto político numa sociedade conflitiva<sup>9</sup>.

Em resumo, as CEBs são um fato eclesial, social e político que, embora não deixando de refletir as contradições da sociedade latino-americana, carrega em seu bojo um forte potencial de transformação para a Igreja e para a sociedade. Se por um lado é difícil negar que as CEBs sejam o sinal de uma Igreja diferente, por outro, elas mesmas não são ajudadas com uma idealização.

## O Trem das CEBs

Desde o primeiro Encontro Intereclesial realizado em Vitória/ES, em 1975, os temas têm girado em torno da Igreja que se organiza na base e caminha em busca da libertação. Caracterizam-se, por um lado, pela preocupação com a maneira de a Igreja se organizar e, por outro, pela relação explícita entre a fé e a realidade em que o povo vive: “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus” (Vitória/ES, 1975); “Igreja, povo que caminha” (Vitória/ES, 1976); “Igreja, povo que se liberta” (João Pessoa/PB, 1978); “Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação” (Itaici/SP, 1981); “CEBs, povo unido semente de uma nova sociedade” (Canindé/CE, 1983); “CEBs, povo de Deus em busca da terra prometida” (Trindade/GO, 1986); “Povo de Deus, na América Latina, a caminho da libertação” (Duque de Caxias/RJ, 1989).

Os encontros, com os respectivos temas, são representados como um trem em que a cada Encontro se acrescenta um novo vagão:

Neste país da América Latina, o trem das CEBs vai aparecer.  
E cada vagão que se une/é sinal que as CEBs vão sempre crescer.  
(Do canto “Trem das CEBs”.)

O vagão acrescentado este ano teve como tema “O povo de Deus renascendo das culturas oprimidas”. O tema estava desdobrado em cinco grandes blocos, representando as culturas oprimidas: índios, negros, trabalhadores, migrantes e mulheres.

Cada um destes blocos foi amplamente trabalhado durante os três primeiros dias do Encontro, tanto em grupos pequenos como em mini-plenários. A metodologia usada foi o já consagrado ver-julgar-agir. A dinâmica possibilitou que cada um dos representantes falasse de sua realidade e de seu trabalho, refletisse sobre a mesma e participasse da busca de compromissos.

Os blocos também contavam com assessoria de especialistas no assunto. Cabia-lhes introduzir as discussões e ao final procurar fazer amarrações, sínteses ou colocar novos desafios. Por um lado, os assessores tinham um papel muito discreto, não impondo ou propondo um discurso pronto, mas situando a discussão dos grupos em novos horizontes. Por outro lado, também houve situações em que se notava em suas colocações uma espécie de “amaciamento” em relação à hierarquia. Parece que vale a tese de Clodovis Boff de que na Igreja, como grande família, avança-se passo a passo e por isso os conflitos não se resolvem com enfrentamento. “Procura-se oferecer uma ajuda discreta aos bispos, padres, religiosas(os), teólogos e leigos no sentido de optarem pelos pobres e ‘entrarem na caminhada’ do povo oprimido.”<sup>10</sup>

A dinâmica do Encontro refletia um constante movimento entre o particular e o universal (de histórias e casos para generalizações ou vice-versa), entre a teoria e a prática (da experiência de vida para a reflexão e vice-versa), entre a organização e a espontaneidade (da participação “disciplinada”

no programa a manifestações espontâneas propiciadas especialmente pela instituição da fila democrática ou fila do povo que possibilitava que, mesmo em plenários de 500 pessoas, houvesse a possibilidade de contar a sua história, geralmente já avalizada no grupo).

Em termos de metodologia, não pode deixar de ser lembrada a moldura celebrativa. Ao rever relatos de encontros anteriores chamou a atenção a forte impressão deixada pelas celebrações. E neste Encontro não foi diferente. São as imagens que falam para todos os sentidos; é o ritmo que faz os corpos dançar; são os cantos que entrecortam todas as partes do programa... Tudo isso torna os momentos celebrativos muito marcantes e também muito concretos. Uma experiência da utopia que se proclama e um ensaio da luta que precisa continuar de forma sempre renovada.

Destaco também o uso da própria Bíblia. A cada início do dia ela era levada, junto com a cruz e outros símbolos, para dentro do plenário. Há uma identificação imediata, por exemplo, de Abraão com os migrantes de hoje. O papel da Bíblia é acima de tudo de motivação e de inspiração para uma luta que é difícil. Isso pode parecer um uso muito superficial da Bíblia, sem a devida mediação hermenêutica. Por outro lado, significa também que a Bíblia foi tirada do altar, deixou de ser apenas um “objeto sagrado” e se tornou um instrumento de luta. O movimento da leitura popular descobriu que o caminho do povo à Bíblia passa pela sua vida, pelas suas lutas. “A Bíblia parece tempero para qualquer comida.” E ela não deixa de produzir seus resultados, como é dito de uma maneira muito criativa no texto-base:

A interpretação do povo nas comunidades é como a chuva no chão seco e quente do sertão: cai, molha tudo e, meia hora depois, tudo está seco de novo, como se nunca tivesse chovido! Mas o resultado aparece no fruto que nasce, semanas depois. Ela é como o eixo escondido entre as duas rodas; como tutano dentro dos ossos. É como o coração: de fora não se vê, mas sem ele o corpo não funciona e morre.<sup>12</sup>

### **Apenas um Novo Vagão?**

Para situar a temática vou lembrar o fato que sem dúvida mais marcou este Encontro Intereclesial. Em determinado momento, o bispo anfitrião usou um espaço do programa para receber e saudar seus colegas presentes. Ele convidou-os, junto com os pastores e as pastoras evangélicas, para subirem ao palco. Um gesto de fraternidade entre igrejas que cultivam maiores ou menores relações ecumênicas. Nisso, uma mãe de santo negra lembrou que havia no plenário representantes de religiões afro e indígenas e que eles deveriam estar entre as autoridades religiosas ali reunidas. O bispo retomou o microfone e, fazendo menção de que se tratava de um encontro de comunidades da Igreja Católica e que ali estavam representadas igrejas com as

quais esta mantém relações ecumênicas, continuou sua cerimônia de apresentação.

Quando os últimos bispos estavam deixando o palco, retornou a mesma mulher junto com um dos pais de santo. O plenário então ouviu um desabafo que iria calar fundo. Em resumo, por que a hierarquia se negava a aceitar a autoridade de um pai de santo como um “pastor”, uma vez que também é cristão, é legitimamente constituído pela sua comunidade e expressa a sua fé de acordo com rituais de uma das culturas oprimidas? Por que esta discriminação, se “quem faz a Igreja neste país são os negros?”

Seguiu-se também a fala do pajé, em termos semelhantes. Acentuou que não se prestava a simplesmente fazer número e que a Igreja deveria aceitar como legítima a forma de os índios se organizarem e constituírem suas autoridades. Ele é um chefe religioso, como os demais que ali se apresentaram, embora não tenha o estudo de Teologia que os demais tiveram.

A tensão criada com estas intervenções refletiu-se profundamente tanto no clima do encontro como das reflexões realizadas<sup>13</sup>. Refiro-me especialmente às colocações de alguns assessores. Luís Alberto retomou a questão a partir da figura do trem das CEBs. Em sua opinião, o incidente mostrou que os temas já não cabem mais nas bitolas antigas. Não se pode mais simplesmente colocar um vagão atrás do outro, mas é preciso reconstruir os vagões. A questão da cultura mostrava a realidade de um novo ângulo.

Também Clodovis Boff destacou a novidade da reflexão que estava sendo feita. Segundo ele, há vários anos se está discutindo fé e política e se conseguiu relativa clareza sobre o assunto. Agora um novo elemento é acrescentado à discussão, um elemento que não substitui a questão anterior, mas que revela uma nova perspectiva. E este elemento, a cultura, é mais delicado que política, porque diz respeito não só à comida ou cidadania, mas toca o coração, a alma.

Pela novidade do assunto e pela profundidade que ele atinge, a saída passa por agüentar as dores de parto, as tensões e os conflitos que se instalam. Questões de cultura, afinal, não se resolvem por votação, mas por um trabalho de convencimento, de conversão.

A conversão, no caso, significa acima de tudo aceitar a alteridade do índio, do negro, do migrante, da mulher e do trabalhador. Para que a diversidade possa se manifestar, adverte Clodovis Boff, há necessidade de desocidentalizar, de desromanizar, de relativizar a cara branca...

A questão da diversidade foi muito bem ilustrada por Leonardo Boff, cuja fala se deu a pedido do plenário. Segundo ele, é como se estivéssemos diante de uma montanha, em cujo topo se encontra Deus. Uns sobem a montanha bailando, outros escolhem um caminho reto, outros escalam ladeiras... E há ainda outros, do outro lado, que não podemos enxergar, mas que procuram alcançar o mesmo alvo. Por que, pergunta ele, não podemos, como o faz Deus, aceitar estes caminhos, enquanto Igreja<sup>14</sup>?

Talvez as análises não tenham trazido muitos elementos novos em ter-

mos da compreensão da realidade das culturas oprimidas em questão. Também não era o objetivo, uma vez que o texto-base, elaborado como subsídio para a preparação do Encontro, traz dados e análises importantes sobre cada uma das temáticas. O que aconteceu foi um mergulho para dentro destas culturas. Usando uma expressão de Paulo Freire, foi um “enso-par-se” nestas culturas.

Em seu intento de evangelização, a Igreja naturalmente tinha consciência da diferença cultural. Mas via estas diferenças como algo negativo ou como deficiência, como o expressa a carta de Santa Maria: “Os opressores diziam que nossos deuses eram falsos; nossos ritos, superstição; nossos mitos, heresia; nossos costumes, pecado.” O novo é o reconhecimento de que estas culturas também são sujeitos da evangelização e de que a própria Igreja precisa ser evangelizada por estas culturas que ao longo dos anos ela mesma marginalizou ou ajudou a destruir. Essa perspectiva traz à tona desafios novos para uma religião e uma teologia que se acostumaram com a idéia do monopólio da mensagem da salvação.

Os temas tratados em Santa Maria adquiriram nova densidade não tanto pela formulação teórica havida, mas pela contribuição anônima de centenas de homens e mulheres que experienciam em suas vidas e em seu trabalho o que é ser cristão negro e índio numa terra de deuses brancos, o que é ser mulher numa Igreja onde os símbolos do poder estão nas mãos dos homens e têm o jeito dos homens, o que é ser trabalhador num mundo em que se corre o risco de fazer parte da “massa sobran-te”, o que significa estar migrando atrás de novos sonhos.

Neste sentido, o “incidente sagrado” não foi o único grito que se ouviu. Impossível não ouvir a voz das mulheres reclamando plena participação nos ministérios, dos índios lembrando os brancos de que um dia eles também já foram índios, dos migrantes desafiando a Igreja a viver em tendas para poder acompanhá-los e acolhê-los, dos trabalhadores pedindo que a Igreja saia da teoria e transforme o sacramento em “celebração e participação na vida e nas lutas do povo”<sup>15</sup>. É de dentro dos gritos, portanto, que se sente brotarem novas esperanças e novas perspectivas.

## **Parar — Olhar — Escutar**

O trem das CEBs está passando e deixando suas marcas na Igreja e na sociedade latino-americana. Entre o mito e a realidade, as CEBs constituem sem dúvida uma das forças que mais dinamizam a Igreja neste continente e que constituem importante fonte de esperança para as pessoas que delas participam. A pergunta que desejo colocar agora é sobre os questionamentos e estímulos que nós, evangélicos, podemos perceber nas CEBs. A figura do trem trouxe à memória outra imagem do mundo das ferrovias: o sinal nos cruzamentos de nível com as palavras “parar, olhar, escutar”.

Parto do pressuposto de que, mesmo onde haja uma identificação com a proposta das CEBs a nível teórico, a prática comunitária das igrejas evangélicas é distinta e pode beneficiar-se ao parar, escutar e olhar para o trabalho que se faz nas CEBs.

Um estudo comparativo de modelos de comunidades naturalmente exigiria um outro tipo de abordagem. Também não pretendo enquadrar as experiências numa espécie de hierarquia de valores. Deve haver, como lembrou Leonardo Boff em sua fala, mais do que uma maneira de ir ao encontro do Reino que se aproxima. Para usar outra figura, há mais trens a caminho. Na medida em que conseguem comunicar-se a respeito do destino, a viagem será mais fácil. Afinal, não se trata de um “rally” onde uns ganham e outros perdem. Ao contrário, a proposta é ajudar a carregar o fardo um do outro. Além disso, o alvo se confunde com o próprio caminho, motivo pelo qual não se justifica o uso de quaisquer meios para “chegar lá” antes que os outros ou até contra os outros. Pretendo, abaixo, apontar algumas maneiras como as CEBs, na minha experiência do 8º Intereclesial, podem ajudar as comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e quem sabe as evangélicas num sentido mais amplo, a terem uma jornada mais significativa e a refazerem seu caminho de acordo com o que elas mesmas percebem no evangelho e muitas vezes consta em seus princípios doutrinários, mas não se concretiza na prática<sup>16</sup>.

a) *A participação do leigo*: Na origem das CEBs destaca-se como um dos fatores a emergência dos leigos dentro da Igreja Católica<sup>17</sup>. Esta participação se dá pela defasagem entre a disponibilidade de clero e a tarefa da Igreja, mas também pelas propostas de atuação que levaram muitos agentes de classe média a um contato direto com as camadas populares. Basta lembrar que muitos dos atuais expoentes da vida intelectual tiveram parte de sua formação em grupos da Ação Católica, Movimento de Educação de Base ou outros movimentos de cultura ligados à Igreja. Hoje, é pela porta das CEBs, através dos leigos, que as novas discussões entram na Igreja, às vezes na forma de verdadeiras explosões. As CEBs são o espaço onde o leigo se sente em casa e onde ele aprendeu a viver Igreja, assumindo as mais diversas funções. Por isso, atualmente as CEBs talvez sejam um dos melhores exemplos da prática do sacerdócio geral de todos os crentes.

No entanto, convém ao menos lembrar a ambigüidade nelas instalada em relação à hierarquia. Por um lado, nota-se uma liberdade bastante grande de questionar a “Igreja oficial”. Por exemplo, a pergunta sobre quem representaria a posição das CEBs no CELAM de Santo Domingo, onde vão ser tomadas as decisões que de fato vão orientar o trabalho da Igreja Católica, foi colocada várias vezes e de maneira bastante incisiva. Por outro lado, há também uma espécie de acomodação, cuja lógica foi interpretada por um dos participantes quando disse que a participação dos 98 bispos representava um enorme avanço, porque, afinal, não é fácil evangelizar e converter bispos. Onde não há possibilidade de interferir na escolha das autori-



dades, o melhor jeito parece ser “trazê-las” para o seu lado. O custo disso naturalmente pode ser o adiamento de decisões e o comprometimento com posições e práticas menos coerentes com o evangelho.

b) *A recuperação da palavra*: A cidadania e o sacerdócio passam pelo direito à palavra e pela possibilidade de dela fazer uso como instrumento efetivo. As CEBs propiciam esta reapropriação da palavra. Nas palavras de João B. Libânio:

Durante 4 séculos as elites seqüestraram para si o domínio total sobre a palavra, deixando as classes populares reduzidas à linguagem não verbal dos ritos, dos gestos ou código velado do oprimido, ou ao eco empobrecido da palavra dominante, ou ao silêncio do sofrimento. Tal fenômeno social reproduzia-se, de modo peculiar, mas não menos real, dentro da Igreja.<sup>18</sup>

A recuperação da fala, isto é, da capacidade de dizer o seu mundo e falar de seu Deus, é um processo muito difícil. Paulo Freire cita um sermão de Vieira onde, numa alusão à mudez do povo, ele diz que o milagre mais difícil de Jesus foi a cura do endemoninhado mudo<sup>19</sup>. Deixando de lado a questão exegética, o fato é que estamos diante de um processo difícil, para o qual os pastores também estão pouco preparados. “Os clérigos sempre foram bem treinados para falar. Antigamente, qualquer reverendo aspirava a ser um grande orador sacro... Muita tolice! Foi-se o tempo da balofa retórica.”<sup>20</sup> As palavras de D. Luís Fernandes expressam com bastante ironia o sonho de muitos de nossos pastores ou aspirantes ao pastorado. O grande e novo desafio parece ser ajudar na própria articulação teológica dos membros da comunidade. Neste ponto as CEBs deram um passo significativo.

c) *A politicidade da fé*: O fato da não-neutralidade de qualquer atividade humana tornou-se um dos pressupostos básicos na maioria das áreas de conhecimento. Aprendeu-se, pelas formas escancaradas e sutis que a dominação ideológica assume na América Latina, a perguntar a que projeto de sociedade e a que visão de homem e mulher os conhecimentos produzidos servem ou a serviço de quem eles serão usados. Em analogia ao que Paulo Freire diz da educação, poderíamos dizer que também na fé não se trata de uma dimensão a mais, como se pudesse ser destacada, mas se trata da própria natureza da fé, que sempre é política.

O que chama a atenção nas CEBs é a naturalidade com que este fato é assumido. Nota-se que há uma passagem entre o social e o político, ou seja, entre a tentativa de análise dos problemas da realidade e a avaliação de projetos políticos. A política adquire uma nova dignidade, na medida em que é colocada a serviço de propostas que emergem ou se concretizam na discussão dos próprios grupos. O grande número de candidatos a vereador presentes ao Encontro parece mostrar como de certa forma as CEBs são uma espécie de escola política do povo simples.

Também neste aspecto se verifica a tensão entre mito e realidade. O

clima de festa e de mobilização cria condições para a repetição de chavões políticos, o que não significa necessariamente politização. Por outro lado, é inegável que as próprias comunidades são um espaço onde as pessoas aprendem a “ler” sua vida como um processo histórico e coletivo, ou seja, como um processo político.

d) *Celebração da vida*: Nos últimos anos houve um crescimento da discussão sobre liturgia na IECLB e também o espírito de experimentação tem-se feito presente. Realmente não é mais assim que em qualquer culto vamos encontrar o mesmo tipo de liturgia, vamos ouvir os mesmos hinos ou vamos ser confrontados com a mensagem bíblica da mesma forma. Dentro deste contexto, o que da celebração das CEBs poderia contribuir nesta busca em que nós nos encontramos?

Em primeiro lugar, nas CEBs destaca-se o que acima chamei de moldura celebrativa de todo o Encontro. As manifestações de louvor, de penitência, de compromisso e de testemunho não se restringem apenas a momentos específicos, mas perpassam todo o trabalho. A teologia da libertação captou este movimento desde o início, quando afirmava que se estava diante do surgimento de uma nova espiritualidade.

Esta espiritualidade não se cria por decreto e não há fórmulas para “levá-la” às comunidades. Ela surge das comunidades, de sua vivência, de suas lutas. Tem o jeito e as palavras das comunidades. Os cantos provavelmente são uma das melhores expressões da teologia que vai surgindo da práxis. Uma teologia que reflete a vida sofrida, mas também uma incrível esperança.

e) *Ecumenismo na base*: Um dos representantes evangélicos lembrou que quando o povo se encontra sozinho, não há dificuldades para celebrações e vivências ecumênicas. O mesmo soe acontecer quando apenas a hierarquia se encontra. Por que, então, há tanta dificuldade para celebração conjunta quando leigos e clero se encontram? Seria o medo de perder as ovelhas de “seu” rebanho? O próprio refluxo em relação ao ecumenismo que se verifica nas igrejas tradicionais poderia ser visto como uma tentativa de ao menos preservar as “bases” que a respectiva Igreja tem? O povo simples também não tem problemas com um ecumenismo mais amplo, pois em suas vilas e bairros convive com umbandistas, espíritas e pentecostais. As lições mais importantes para o ecumenismo não estariam nestas vivências?

As comunidades da IECLB podem aprender das CEBs a ser espaços onde as pessoas adquirem confiança e autoconfiança através do convívio fraterno e consciente. A identidade confessional possivelmente terá melhores condições de se desenvolver na medida em que os membros da comunidade forem motivados a um confronto com o outro, sem tabus e preconceitos.

f) *Fé e cultura*: O Encontro de Santa Maria trouxe à tona o eixo “cultura e fé” a partir da ótica das culturas oprimidas. Estas culturas, em maior ou menor proporção, também estão presentes na IECLB. Basta perguntar-nos se os índios e negros não são ainda uma espécie de presença exótica

nas comunidades ou por que os trabalhadores empobrecidos não se sentem em casa em nossos templos e cultos. Creio que Clodovis Boff disse acertadamente que este tema traria mais dificuldades do que o da política.

Além disso, como Igreja trazida por imigrantes e com a maioria de seus membros descendentes de imigrantes, temos alguns problemas específicos. Precisamos perguntar com honestidade como estamos trabalhando a questão de nossa herança cultural. A integração na sociedade brasileira, apesar dos esforços nas últimas décadas, está de fato tão assimilada? Qual é o ritmo que faz os corpos nas nossas comunidades vibrar? Ou eles foram acostumados a não vibrar mais?

Vejo no colorido das CEBs de todo o país presentes em Santa Maria um sinal da graça multiforme de Deus (1 Pe 4.10). As CEBs, como parte do grande universo de comunidades que caminham em direção ao Reino, buscam trazer uma contribuição muito consciente para esta jornada. Qual é o nosso lugar e a nossa contribuição, como IECLB, como evangélicos? A graça multiforme nos permite estar em casa em nossa cultura, com nossa maneira de ser Igreja. Mas ela também liberta das limitações de cada cultura ou tradição e nos ajuda a transcendê-las para continuamente criar o novo tanto nas relações interpessoais quanto no corpo comunitário e político.

## Notas

- 1 EQUIPE DE MÚSICAS, *Javé É a Razão de Nosso Canto!*, Santa Maria, 8-12/9/92, p. 70.
- 2 Cf. Prefácio de Leonardo BOFF no livro de Dom Luís G. FERNANDES, *Como Se Faz uma Comunidade Eclesial de Base*, 4. ed., Petrópolis, Vozes, 1985, p. 8.
- 3 Frei Betto constata a hegemonia do caráter pastoral no trabalho popular a partir de 1966 até o início dos anos 70. Cf. Paulo FREIRE & Frei BETTO, *Essa Escola Chamada Vida*, 2. ed., São Paulo, Ática, 1985, p. 66.
- 4 Conclusões da Conferência de Puebla, *Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*, São Paulo, Paulinas, 1979, p. 205.
- 5 *Ibid.*, p. 206.
- 6 Encarte de *CECA-Inforna*, nº 40, setembro de 1992.
- 7 Cf. Ivone GEBARA, *Recomeçar Tudo de novo, Sem Fronteiras*, nº 202, setembro de 1992, p. 11.
- 8 Luiz ALBERTO, *Repensar a Igreja*, *ibid.*, p. 12.
- 9 O Documento de Puebla diz que a CEB é “de base, por estar constituída por um pequeno número de membros, em forma permanente e como célula da grande comunidade” (p. 203). Curiosamente nesta definição não aparece o aspecto político, ou seja, da marginalização na estrutura social e na Igreja. Para uma análise do termo a nível sociológico e eclesiológico veja João B. LIBÂNIO, *Comunidades Eclesiais de Base: em torno do Termo “Base”*, *Perspectiva Teológica*, 18(44):63-76, jan./abr. 1986.

- 10 Cf. Clodovis BOFF, Em que Ponto Estão hoje as CEBs?, *Revista Eclesiástica Brasileira*, 46(183):527, set. 1986.
- 11 EQUIPE CENTRAL, *Culturas Oprimidas e a Evangelização na América Latina (Texto-Base)*, Santa Maria, Pallotti, 1991, p. 89.
- 12 *Ibid.*, p. 90.
- 13 Veja a reportagem de Edelberto BEHS sobre este “incidente sagrado” (a expressão é de D. Pedro Casaldáliga) e outros tópicos do 8º Intereclesial no *Jornal Evangélico*, nº 14, 4 a 24 de outubro de 1992, p. 6 e 7.
- 14 Em recente livro, Leonardo Boff argumenta que “o Cristianismo sempre se mostrou sensível ao pobre, mas implacável e etnocêntrico diante da alteridade cultural”. O “incidente sagrado” provavelmente é um sintoma do represamento cultural havido durante séculos. (Cf. Leonardo BOFF, *América Latina: da Conquista à Nova Evangelização*, 2. ed., São Paulo, Ática, 1992, p. 11.)
- 15 Cf. Boletim nº 3, 12/09/92.
- 16 Para uma análise das CEBs como manifestação contemporânea da *ecclesia semper reformanda* veja Richard SHAULL, The Christian Base Communities and the *ecclesia semper reformanda*, *The Princeton Seminary Bulletin*, 12(2):201-213, 1991.
- 17 Leonardo Boff identifica a origem das CEBs na convergência de três fatores: a visão dos missionários utópicos que sempre se opuseram a uma “Igreja-espelho”, a emergência do laicato e a irrupção política dos pobres. (Cf. Leonardo BOFF, op. cit.)
- 18 João B. LIBÂNIO, Igreja, Povo que Se Liberta, *Síntese*, nº 14, vol. V, set./dez. 1978, p. 94.
- 19 Cf. Paulo FREIRE, *Educação como Prática da Liberdade*, 11. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 66.
- 20 Dom Luís FERNANDES, op. cit., p. 63.

Danilo R. Streck  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS